

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA - PPGLL

**ENTRE O ORAL E O ESCRITO: A HETEROGENEIDADE
LINGÜÍSTICA DAS CONVERSÇÕES ESCRITAS *ON-LINE***

José Sérgio Amancio de Moura

Maceió, 2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA - PPGLL

**ENTRE O ORAL E O ESCRITO: A HETEROGENEIDADE
LINGÜÍSTICA DAS CONVERSÇÕES ESCRITAS *ON-LINE***

Dissertação de mestrado apresentada por **José Sérgio Amancio de Moura** como requisito final à obtenção do grau de Mestre em Lingüística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Profa. Dra. **Maria Denilda Moura**

Maceió, 2006

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

M929e Moura, José Sérgio Amâncio de.
Entre o oral e o escrito : a heterogeneidade lingüística das conversações
Escritas on-line / José Sérgio Amâncio de Moura. – Maceió, 2006.
68 f.

Orientadora: Maria Denilda Moura.
Dissertação (mestrado em Letras e Lingüística: Lingüística) – Universidade
Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em
Letras e Lingüística. Maceió, 2006.

Bibliografia: f. 66-68.

1. Lingüística. 2. Língua escrita. 3. Língua falada. 4. Usuário da Internet.
I.Título

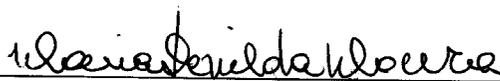
CDU: 800

José Sérgio Amancio de Moura

**ENTRE O ORAL E O ESCRITO: A HETEROGENEIDADE
LINGÜÍSTICA DAS CONVERSÇÕES ESCRITAS *ON-LINE***

Esta dissertação foi avaliada e aprovada para a obtenção do título de Mestre em Lingüística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Alagoas.

Banca examinadora:



Profa.Dra. Maria Denilda Moura (PPGL – UFAL)

Orientadora



Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante (PPGL – UFAL)

Examinadora

Profa. Dra. Maria Inez Matoso Silveira (PPGL – UFAL)

Examinadora

Maceió, 2006

À minha tia Mary (*in memoriam*). Sua importância em meu processo formativo originou uma dívida de eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

- A Deus, por sua providência.
- Ao CNPQ, órgão financiador desta pesquisa.
- À Profa. Denilda Moura, pelo cuidado incansável em me colocar no “eixo”.
- Aos meus pais e minhas irmãs, cujo apoio constante e ilimitado fez toda a diferença.
- Aos examinadores desta dissertação, pelas observações, críticas e sugestões que visaram ao aperfeiçoamento desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho objetivou investigar o comportamento da língua escrita nas salas de bate-papo da Internet e em gêneros afins, tanto para mostrar a heterogeneidade, riqueza e complexidade da língua no meio, quanto para apresentar como a dicotomia oralidade/escrita encontra-se diluída dentro das especificidades e características peculiares desta nova forma discursiva. O bate-papo *on-line* é um gênero que emergiu com surgimento da Internet e seu código escrito acabou revelando uma nova relação do indivíduo com a forma de escrever por trazer inovações lingüísticas, privilegiar a heterogeneidade e a diversidade lingüísticas e ter mostrado a tênue fronteira entre oralidade e escrita, desconstruindo perspectivas dicotômicas sobre o assunto. Para os objetivos inicialmente descritos, este trabalho baseou-se na perspectiva dos usos lingüísticos, que aponta a língua como um fenômeno dinâmico e heterogêneo.

Palavras-chave: língua falada, língua escrita, chat, usuários de Internet.

ABSTRACT

This research aimed to investigate the uses of the written language in the Internet chat rooms and in similar virtual discourses, examining the heterogeneity, affluence and complexity of the language in those means as well as demonstrating as the traditional dichotomy between spoken and written discourse has been unmade regarding the peculiar features of these new discursive forms. The virtual chat came up through Internet advent and its written code has revealed a new relation of the man with writing once it has brought up linguistic innovations, has detached language as a phenomenon of linguistic diversity and differences and has made linguistics to realize how theoretically irrelevant has been the acclaimed spoken/written dichotomy. For the initially described aims, this research based its theoretical perspective in the language uses, which points out language as a heterogeneous and dynamical phenomenon.

Key words: speech, writing, chat, Internet users.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	08
1.1 O papel da Internet na língua.....	08
1.2 Os estudos sobre as diferenças entre a língua falada e escrita.....	09
1.3 As conversações espontâneas da Internet.....	14
1.4 Objetivos da pesquisa	16
2. Conversações <i>on-line</i>: tipologia e ambiente das interações.....	17
2.1 Bate-papo: caracterização e tipologia.....	17
2.1.1 Chat em aberto.....	20
2.1.2 Chat reservado	21
2.1.3 Chat agendado	21
2.1.4 Chat privado	22
2.1.5 Entrevista com o convidado	22
2.1.6 Aula-chat	22
2.2 Os ambientes de bate-papo: comunidades de fala ou comunidades lingüísticas?.....	23
3. O comportamento da língua nas conversações <i>on-line</i>	34
3.1 A perspectiva de um <i>continuum</i> de variações na língua falada e escrita.....	35
3.2 Apresentação dos dados	36
3.3 O bate-papo sob uma perspectiva de variação.....	54
4. Considerações finais	59
5. Referências	66

I. INTRODUÇÃO

1.1 O papel da Internet na língua

Antes do andamento desta pesquisa, é preciso situá-la no quadro investigativo em que se pretende desenvolvê-la, o peculiar uso da língua em suas diferentes manifestações da Internet, com enfoque especial nas conversações espontâneas *on-line*, a saber, o popular bate-papo ou chat eletrônico. Expressiva instância lingüística da contemporaneidade, a Internet tem instituído modelos geradores de novas manifestações para os fenômenos da língua. De uma forma geral, esses modelos são representados sobretudo pelo assim denominado discurso *on-line* (Othero, 2001). Os gêneros discursivos mediados por computador (e-mail, bate-papo, fóruns, lista de discussão, dentre outros) constam entre os exemplos mais significativos de um novo tipo de linguagem. Não uma nova língua em si, mas um novo modo de representar a língua, aliado a recursos semióticos como escrita, som e imagem, que, segundo Crystal (2004), transformou a Internet num dos elementos que tem revolucionado a linguagem contemporânea.

É admirável, ressalta este último autor, como os lingüistas têm se espantado com a imediaticidade do fenômeno na contemporaneidade. Para Crystal, tornou-se evidente que a Internet vem se manifestando como bem mais do que um meio que proporciona uma nova variação estilística da linguagem, pois o meio se mostra como uma alternativa superior em relação às outras mídias em que se efetiva a comunicação humana. O autor menciona como as pessoas na Internet sentem-se à vontade para quebrar as regras convencionais da língua. Sobretudo, lembre-se que, na maior parte das vezes, trata-se da língua escrita que o autor está

falando, tradicionalmente vista sob uma falsa e equivocada dicotomia entre o oral e o escrito, em que a escrita é vista como mais organizada e formal, e a fala como caótica e informal. O estudo da língua escrita da Internet abre as portas para se pensar mais ainda sobre essa falsa dicotomia, e também para se ponderar como o mesmo meio transformou-se num manancial da heterogeneidade lingüística.

A Internet é um meio heterogêneo quando se refere à língua. Os diferentes ambientes de interação que se multiplicam ao infinito são modelos representativos dessa heterogeneidade. O resultado é a produção de um discurso on-line (*Netspeak*, ou Internetês conforme David Crystal; ou discurso *on-line*, como prefere Gabriel de Ávila Othero) com muitas nuances e variações que refletem os diferentes contextos em que é produzido. Nenhum tipo de mídia favoreceu tanto a interação e a multiplicação de ambientes de interação como a Internet. Ao passo que nos outros modelos midiáticos (rádio, televisão, jornais, etc), o indivíduo é relegado a uma passividade relativa ou absoluta, dependendo do caso, na Internet, a possibilidade desse indivíduo criar seu próprio discurso se multiplica incessantemente, a ponto de ele ser dotado de liberdade na criação do código, o que favorece a heterogeneidade e variação lingüística, tanto como uma ruptura evidente das fronteiras entre oralidade e escrita.

1.2 Os estudos sobre as diferenças entre a língua falada e escrita

Os primeiros estudos tentaram relacionar a diferença entre a fala e a escrita ao grau de complexidade sintática de cada modalidade. A afirmação geralmente acolhida por estudiosos era que um índice maior de estruturas subordinadas indicaria um discurso sintaticamente mais complexo. O uso de frases coordenadas estaria vinculado aos discursos de sintaxe mais simples.

Assim, considerava-se que a complexidade sintática depende do número, tipo e profundidade do processo de encaixamento das orações. Uma língua, falada ou escrita, sintaticamente simples implicaria o uso de frases menores, de sentenças mais curtas ou únicas, contando com mais estruturas coordenadas para a coesão e relação entre sentenças. Uma língua com sintaxe mais complexa compreenderia a presença de sentenças mais extensas e maior uso de frases dependentes, indiciando uma relação estrutural bem mais complexa (Beaman, 1993).

Entretanto, vários fatores poderiam condicionar a variação dessas estruturas sintáticas. Por exemplo, Lakof (apud Beaman, 1993) aponta seis traços distintivos das modalidades de língua falada e língua escrita que poderiam ocasionar diferenças no uso de um ou outro tipo de frase: visibilidade, reciprocidade, informalidade, espontaneidade, empatia e inseqüencialidade. Todos esses traços caracterizariam as condições em que os eventos orais ou escritos da língua são produzidos. Nesta perspectiva, um discurso ora informal e recíproco pode apresentar uma estrutura sintática diferente de um discurso escrito mais formal e em que não haja a reciprocidade imediata entre dois ou mais interlocutores. Ochs (1979) também havia acrescentado outro fator: o tempo de planejamento, importante para a elaboração do código lingüístico nas interações de ambas as modalidades.

Até então, os estudos de alguns lingüistas não haviam levado em conta que fatores desse tipo eram muito importantes para caracterizar e diferenciar a complexidade sintática do recorte lingüístico que pesquisavam. Suas descobertas haviam se perdido em generalizações que não reconheciam as diferenças mesmo dentro de uma modalidade. Ou seja, um *corpus* escrito composto de artigos acadêmicos não possui a mesma espontaneidade de um *corpus* de cartas entre amigos. Portanto, relacionar a complexidade sintática de artigos científicos como sendo

comum à língua escrita em geral constituía-se numa generalização equivocada. Tal atitude gerou alguns resultados conflitantes.

A descoberta de muitos lingüistas havia caminhado nessa direção. Por exemplo, O'Donnel (1974) defendia que a língua escrita tem sintaxe mais complexa que a falada e exhibe muitas estruturas subordinadas. Kroll (1977) e Chafe (1982) argumentavam que a língua falada apresenta-se mais simples ou menos complexa, na medida em que suas estruturas sintáticas mais freqüentes são as coordenadas.

Contrário aos achados de O'Donell, Kroll e Chafe, o trabalho de Haliday (1977) determinava que a língua falada, em sua totalidade, era gramaticalmente mais complexa que a língua escrita. A conversação espontânea e informal, indicava o autor, possui a gramática mais complexa de todas. Haliday baseou o motivo de sua hipótese no fato de que a escrita é estática e a fala é dinâmica. As evidências de Poole e Field (1976) vieram sustentar uma hipótese semelhante: a estilística e a ênfase na simplicidade e concisão são fatores que inibem o uso de estruturas elaboradas e complexas na língua escrita. Assim, ao passo que O'Donnel, Kroll e Chafe apresentaram resultados de uma fala com sintaxe mais simples e uma escrita com sintaxe complexa, os trabalhos de Haliday, e Poole e Field continham evidências contrárias: uma fala complexa e uma escrita de sintaxe menos elaborada.

A pesquisa de Beaman (1993), mais tarde, foi importante para elucidar essas questões e hipóteses conflitantes. Ela aponta a generalização dos resultados como falha metodológica que não reconhecia as diferentes graduações de formalidade da fala e da escrita, ou os propósitos de comunicação presentes em cada graduação. Haviam esquecido de que as interações orais ou escritas obedecem a um domínio que vai do formal ao informal e satisfazem a um propósito

peculiar a cada tipo de situação comunicativa. Há uma fala e escrita formais, como também há uma fala e escrita informais, que variam de acordo com o propósito da comunicação. Seria necessário, segundo Beaman, indicar quais dos fatores se aplicavam ao corpus de cada autor e, nesse caso, relacionar os resultados a condições mais específicas: se a variação entre coordenação e subordinação nas estruturas sintáticas pertence a uma fala mais formal ou informal, por exemplo.

Em seu estudo, Beaman se deteve na complexidade sintática de narrativas orais e escritas, trabalho que se originou dos conflitos mencionados, com o objetivo de descobrir o que realmente acontece nas estruturas frasais da língua falada e escrita e de corrigir esses impasses metodológicos. A autora declara que os resultados significativos mas divergentes desses pesquisadores não são inteiramente comparáveis, posto que seus estudos confundiram dois predicados fundamentais de um discurso lingüístico: modalidade (fala/escrita) e registro (propósito e formalidade). Ela afirma: "Por conta deste problema, o que parece diferenças entre fala e escrita pode ser na realidade diferenças no registro: propósito e formalidade, ou quantidade de tempo para planejamento em cada modalidade" (Beaman, 1993). A autora declarara antes:

Os principais achados mostram que as suposições básicas de muitos lingüistas no passado, que a língua escrita é mais complexa do que a falada porque contém mais estruturas subordinadas e dependentes, é uma suposição por demais simplista. Os tipos e funções de estruturas sentenciais na língua são tão variados que torna necessária uma profunda análise formal e funcional.¹

Beaman procura justificar sua pesquisa, que deveria ser realizada sem as falhas metodológicas anteriores. Além disso, os trabalhos de O'Donnel, Kroll, Chafe, Haliday, e Polle e

¹ "The major findings show that the basic assumptions of many linguists in the past, i.e. that written language is more complex than spoken because it contains more subordinate and dependent structures, is too simplistic an assumption. The types and functions of sentence structures in discourse are so varied that an in-depth analysis, both formal and functional is needed" (Beaman, 1993: 46).

Field ganham uma nova perspectiva, quando identificados a quais registros da língua falada e escrita eles se referiam, algo a ser visto com mais detalhe em capítulo específico.

E mais. Trabalhos como o de Hunt (apud Lima, 1996), que relacionou a complexidade sintática de uma língua ao nível de maturidade sintática do indivíduo, acabaram por revelar que o uso mais freqüente de frases subordinadas esteve relacionado ao aumento da idade e da escolaridade, confirmando que fatores extralingüísticos (nesse caso, idade e escolaridade) trabalham em conjunto para também determinar se um determinado registro da fala ou da escrita possui sintaxe mais ou menos complexa. Os resultados do trabalho de Hunt estiveram circunscritos apenas à modalidade escrita da língua (análise da sintaxe de redações escolares), mas suas medidas de maturidade sintáticas serviram como metodologia para muitos lingüistas que haviam trabalhado com a perspectiva da sintaxe do discurso escrito e falado.

Afinal, o que se permitiu concluir nestes estudos é que fatores internos e externos (formalidade, propósito, tempo de planejamento, concisão, objetividade, densidade lexical, idade, escolaridade, dentre outros) são indícios de que outras forças estão em ação, movendo a complexidade da língua em diferentes direções, influenciando diretamente na maior ou menor formalidade nos diferentes registros da língua falada ou escrita.

Marcuschi (2001) também vai de encontro a muitos dos estudos anteriormente citados. Sua crítica se opõe a esses estudos no sentido de que o autor censura a visão adotada da língua, nesses casos, vista como algo abstrato e homogêneo e portanto dotada de formas estáticas, ou seja, a fala vista como sempre desorganizada e caótica, e a escrita como organizada e formal. Diz o autor que essa confusão de complexidade da fala ou da escrita resultou da metodologia inadequada (como a própria Karen Beaman destacou) que resultou em visões bastante

contraditórias, havendo autores como Douglas Biber² (apud Marcuschi, 2001), que mostrou com clareza que nada é conclusivo neste terreno.

Marcuschi (2001: 23) vê a língua como "um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), histórico e social (fruto de práticas sociais históricas), indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção)", manifestando-se em situações de usos concretos. Portanto, sua concepção de língua baseia-se na heterogeneidade lingüística e indeterminação e privilegia a perspectiva do uso e não da língua enquanto sistema abstrato. Esta é também a perspectiva adotada neste trabalho.

1.3 As conversações espontâneas da Internet

O advento da Internet fez surgir uma língua com aspectos peculiares, as conversações espontâneas dos usuários das salas de chat (bate-papo *on-line*), que contrariamente às conversações orais face a face, efetiva-se através da escrita. Sua aproximação com a fala é um traço peculiar, visto se considerar essas conversações a transmutação de um gênero que antes só ocorria enquanto discurso falado, a conversação oral face a face (Araújo, 2003). Como consequência desse fato, sua língua é bastante informal (embora certas variedades da conversação virtual sejam formais) e espontânea.

Considerando que a conversação face a face, a contraparte das conversações virtuais, é não planejada, decorrente "...justamente, de sua natureza altamente interacional" (Koch, 1997:

² BIBER, Douglas. Spoken and written textual dimensions in English: resolving contradictory findings. In: **Language**, s/1, s/e, 62: 384-414, 1986.

69), o bate-papo *on-line* segue na mesma direção, visto que o tempo de monitoração no meio é escasso. Além disso, seu código lingüístico se revela mais complexo do que se costumava acreditar, contrariando o mito de que se trata de uma escritura simplificada, por conta das abreviações, acomodações ortográficas e outras inovações lingüísticas e semióticas que a transformam numa prática discursiva sem precedentes na língua escrita.

Marcuschi (2003) se mostra reticente quanto a tentar se definir a conversação *on-line* como uma fala escrita, afirmação generalizada e mítica sobre o gênero. Antes, a considera uma língua híbrida, com predicados da fala e da escrita, posto que se comporta em muitos aspectos como se fosse fala, mas se concretiza indubitavelmente como uma escrita bem informal.

Outra questão é que nem sempre as conversações *on-line* possuem esse aspecto informal. Certas variedades do bate-papo, as aulas-chat e a entrevista com o convidado, são igualmente efetivadas em tempo real, mas diferem das variedades mais espontâneas pelo grau de formalidade do diálogo ou por possuírem uma informalidade bem menor, visto que apresentam uma certa elaboração com a linguagem, mesmo que o tempo de monitoração seja escasso.

Isto significa que elas condensam em si aspectos de falas menos informais, tendo seus correspondentes no discurso em sala de aula, no caso das aulas-chat, ou nos *talk shows* da tv, no caso das entrevistas com o convidado. Certamente que esses fatos poderiam distanciar essas duas variedades de conversação *on-line*, tanto dos tipos mais informais de bate-papo (com maior espontaneidade e flexibilidade no uso da língua escrita) quanto de discursos escritos mais formais (com maior tempo de planejamento), situando-as num meio termo ou entre dois pólos. Entretanto, mesmo nesses tipos menos informais, conforme Othero (2001: 28), como parte do discurso *on-line*, pode-se perceber que apresentam "as mesmas alterações formais da escrita

internáutica. Houve um contágio e uma verdadeira padronização implícita em relação à formalização da escrita *on line* em suas diferentes manifestações”.

Outro aspecto a ser comentado é que o código lingüístico das conversações eletrônicas se apresenta como um fenômeno de diversidade lingüística, com reflexos dos usos sociais, mas também com características que lhe são próprias e peculiares. Tudo isso constitui manifestações resultantes de um conjunto estruturado de normas sociais, conjunto este que, segundo Labov (1968), é a própria língua. Se as comunidades virtuais de bate-papo enquanto ambientes de diversidade da língua não podem propriamente, por uma precisão terminológica, ser denominadas comunidades de fala, elas podem ser consideradas comunidades lingüísticas, que, segundo Dubois et alli (1997), são agrupamentos sociais (incluindo-se aí as comunidades de fala de Labov) que contemplam todo tipo de prática discursiva, seja na língua falada ou escrita e que refletem a heterogeneidade e a diversidade lingüística do substrato social a que pertence.

1.4 Objetivos da pesquisa

É esta língua híbrida, com um código lingüístico complexo e diverso que será alvo da investigação neste trabalho. Em seqüência, o mesmo busca apresentar um quadro dos determinantes estruturais (tipologia) das conversações on-line, potencializar uma discussão sobre comunidades lingüísticas em época de Internet e investigar como a heterogeneidade e a diversidade lingüística dos bate-papos virtuais e gêneros semelhantes rompem com a tradicional dicotomia entre oralidade e escrita e como essa mesma diversidade pode ser descrita sob uma perspectiva de variação lingüística.

2. CONVERSACÕES ON-LINE: TIPOLOGIA E AMBIENTE DAS INTERAÇÕES

Duas questões se evidenciam neste capítulo: (a) uma caracterização discursiva e tipológica do bate-papo, necessária a uma compreensão introdutória desta atividade discursiva e de sua relação com o problema desta pesquisa; (b) ampliação do capítulo a uma questão sociolinguística: a necessidade de esclarecer como as salas de bate-papo participam dos aspectos atribuídos às comunidades linguísticas, sendo assim comunidades cujo código linguístico é heterogêneo e que tende a reproduzir, portanto, uma língua com variações fonéticas, sintáticas ou lexicais; entretanto, ressalta-se que essas comunidades virtuais possuem um atributo inédito: o substrato de sua comunicação é o código escrito, e não o falado; daí que o propósito do tópico é, sobretudo, preencher uma lacuna: definir o estatuto das comunidades virtuais como comunidades linguísticas, uma vez que, por conta de uma precisão terminológica, elas não poderiam ser definidas estritamente como comunidades de fala.

2.1 Bate-papo: caracterização e tipologia

Com a invenção da escrita, criou-se uma infinidade de ambientes e necessidades para seu uso, que se estende, conforme Marcuschi (2004: 26) "desde a placa de barro, passando pelo pergaminho, o papel, até a invenção da imprensa com os tipos móveis". A Internet, que permitiu a consolidação de uma escrita digital, caminhou pelo mesmo processo, propiciando o surgimento

de ambientes diversos e necessidades de uso da língua jamais experimentadas, sendo que ela "tornou-se um imenso laboratório de experimentações de todos os formatos" (Marcuschi, *idem*).

Um dos ambientes de grande destaque, apontado por Wallace (2001) - quando identifica e classifica os ambientes da Internet segundo suas especificidades - é o ambiente de chat (batepapo) síncrono, representado pelas salas de bate-papo, as quais podem ser usadas por várias pessoas simultaneamente ou ocorrer em salas reservadas. Uma característica marcante é a possibilidade de conversação em tempo real ou sincrônica. Essas salas transformaram-se no ambiente que estratificou e consolidou um dos gêneros virtuais mais populares, o bate-papo *on-line* (ou ainda chat ou conversação *on-line*).

Desta forma, o bate-papo tem se caracterizado como a modalidade comunicativa de caráter mais informal das mídias eletrônicas. A possibilidade de comunicação instantânea e seu alto grau de interatividade fizeram da utilização destes ambientes uma verdadeira mania da Internet. Por meio delas, "tornou-se possível conversar em tempo real, com uma pessoa em qualquer parte do planeta através do computador" (Othero, 2002: 15). Essa é a razão de ser a modalidade lingüística que se adaptou absolutamente ao padrão de imediatividade e velocidade da conversação face a face. Ainda que não restem dúvidas de sua consubstanciação como língua escrita, esse gênero rompeu significativamente com a dicotomia oral/escrito, por, entre outras coisas, apresentar estratégias e feições da língua falada. Um exemplo: embora o bate-papo na Internet constitua textos expressos pelo meio escrito, "eles só existem na forma dialogada" (Mendonça, 1999: 456), distinguindo-se das demais modalidades lingüísticas *on-line*, concretizadas quase sempre como monólogos da fonte emissora.

Ao analisar as contrapartes dos gêneros emergentes em gêneros pré-existentes, a partir da descrição de autores como Sacks, Schegloff e Jefferson (que primeiro definiram a conversação espontânea face a face), Marcuschi (2004) relaciona a conversação face a face como contraparte do bate-papo virtual. Diz ele:

Tentemos agora aplicar aquele modelo [o da conversação] a um bate-papo *on line*. Que aspectos da relação face a face transferem-se para o novo gênero? Qual a interferência do anonimato mantido num apelido (*nickname*)? O que muda quando a relação interpessoal passa a ser uma relação *hiperpessoal*, como no caso de um *bate-papo em aberto* numa sala de bate-papo virtual? Criam-se novas formas de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais nesse novo enquadre participativo. Não é propriamente a estrutura que se reorganiza, mas o enquadre que forma a noção do gênero. Em suma: muda o gênero [...] (Marcuschi, 2004: 17).

Ou seja, é possível pensar no bate-papo como um gênero híbrido, mesclando aspectos da oralidade e da escrita, mas constituindo um gênero próprio e distinto de qualquer contraparte sua encontrada na fala ou na escrita. Marcuschi (2004: 19) corrobora a idéia do hibridismo: “... a idéia que hoje prolifera quanto a haver uma ‘fala por escrito’ deve ser vista com cautela, pois o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive como o acúmulo de representações semióticas”. Assim, o hibridismo representa um ponto de partida para sondar em que pontos a escrita de ambientes específicos como os de conversação *on-line* se assemelha à fala, sobretudo quando a escrita do meio ganhou atributos tradicionalmente atribuídos à língua falada, e em que pontos ela possui características próprias ou únicas.

De qualquer forma, as fronteiras estabelecidas que distinguem claramente o que é fala e o que é escrita se dissolvem dentro das especificidades de um gênero como o bate-papo. É fato notório, posto que comum à maioria das modalidades de chat, o uso de uma língua escrita sem monitoramento, fenômeno mais recorrente na fala. Geralmente, a descontração é uma característica forte das conversações *on-line*, uma das razões que explica a ausência de

monitoramento com o que se escreve. Outro motivo não menos importante e talvez mais relevante é a necessidade de imitar o fluxo veloz da língua falada, já que o meio permite um diálogo por escrito que exige ações responsivas instantâneas. Isso ocasiona uma escrita que tende "a uma certa informalidade, menor monitoração e cobrança ... [por causa da] fluidez do meio e pela rapidez do tempo" (Marcuschi, 2004: 29). Ao elaborar uma tipologia das conversações eletrônicas, Marcuschi (2004) identificou 6 variações do bate-papo, de acordo com a peculiaridade que distingue cada variante: chat em aberto, chat reservado, chat agendado, chat privado, entrevista com convidado e aula-chat, conforme maiores detalhes a seguir.

2.1.1 *Chat em aberto*

O chat em aberto (bate-papo virtual em aberto) é caracterizado pela interação simultânea entre diversas pessoas em conversação síncrona e no mesmo ambiente. Os tópicos de conversação são partilhados entre todos, embora eles concorram entre si como tópicos paralelos, com vários interlocutores interagindo com um ou mais tópicos de seu interesse. Ou seja, é comum ao interlocutor no chat em aberto dividir sua atenção a quantos tópicos ele queira, devendo saber administrar o seu grau de responsividade em cada interação.

É nessa variante e nas três variantes seguintes que o uso da língua escrita, por sua necessidade de um ritmo igual ao fluxo veloz da língua falada, toma-se informal e bastante coloquial, com o uso de muitas abreviações, neologismos, acomodações ortográficas e o uso de outros recursos paralingüísticos como os emoticons.³

³ Emoticons (*emotion icons* ou ícones da emoção) são séries de expressões gráficas usadas pelos internautas para demonstrar o estado de espírito dos interlocutores na Internet. Por exemplo, dentre os emoticons mais comuns, temos um, ☺, que expressa alegria, e outro, ☹, que expressa tristeza. Um quadro de emoticons mais comuns será apresentado em outro capítulo.

2.1.2 *Chat reservado*

O chat reservado (bate-papo virtual reservado) pode ser realizado no mesmo ambiente do chat em aberto, mas o diálogo é acessível somente aos dois interlocutores através de recurso que permite a conversa ser acessível apenas entre ambos, embora possam continuar observando as outras interações em aberto ocorrentes na sala. É comum que os usuários das salas de bate-papo também mantenham conversas reservadas paralelas, sem que seus destinatários saibam quantas interações paralelas seu interlocutor esteja mantendo.

2.1.3 *Chat agendado*

O chat agendado (bate-papo agendado, ICQ) é uma variante do chat reservado, distinguindo-se do anterior pelo fato de ser agendado. A diferença entre o chat agendado e os chats mencionados anteriormente é que, ao passo que esses últimos se encontram acessível diretamente em ambientes virtuais de conversa *on-line*, o chat agendado depende, para a sua consecução, da instalação de programas ou softwares no computador do usuário. Ou seja, enquanto os outros ambientes de chat se encontram disponíveis em qualquer computador que tenha acesso à Internet (sendo apenas isso necessário), o acesso ao bate-papo agendado depende, além do acesso à Internet, de um computador com o programa específico instalado. Uma vantagem desse tipo de chat reside nos recursos de áudio e vídeo disponíveis ao usuário, caso ele opte por uma interação em tempo real sem utilizar-se apenas da escrita, desde que ele tenha uma câmera e um microfone instalados no computador.

2.1.4 Chat privado

O chat privado (bate-papo virtual em salas privadas), também variante do chat reservado, distingue-se por ser efetivado, não em sala aberta, mas em sala privada, reservada aos dois interlocutores. Ou seja, não ocorre num ambiente de interação aberto a todos os usuários, ou em que seja possível ver as interações enquanto os demais internautas interagem entre si. Também neste caso não é possível interatuar em reservado simultaneamente com mais de um usuário. Mas tudo isso não deve ser visto como limitação, mas como uma opção a mais para usuários que querem muita privacidade em seu contato *on-line*.

2.1.5 Entrevista com o convidado

Em grandes portais da Internet como UOL ou Terra, personalidades ou pessoas famosas são convidadas para serem entrevistadas em salas de bate-papos por usuários desses ambientes. Assemelha-se em certo ponto ao agendado por ser realizado em horário marcado. A diferença dessa variante em relação às demais é que é necessária a presença de um moderador que filtre e faça a seleção das perguntas, evitando questões que ache exageradas, ofensivas ou abusivas ao convidado. Por esse monitoramento da linguagem, a língua tende a ser menos informal, o que distingue potencialmente esse tipo de bate-papo dos demais, caracterizados sobretudo por sua língua sem monitoramento e altamente informal.

2.1.6 Aula-chat

A aula-chat ou bate-papo educacional é uma versão de bate-papo *on-line* em que as interações ocorrem com finalidade educacional. É usado "para tirar dúvidas, dar atendimento pessoal ou em grupo e com temas prévios" (Marcuschi, 2004: 28). Assemelha-se ao anterior por

ter a presença de moderador, geralmente o educador ou monitor do grupo, mas esse não filtra as perguntas, apenas conduz os temas a ser discutidos e responde aos questionamentos feitos pelos alunos ou propõe discussões ou debates. O contexto favorece a utilização de uma língua que faça uso da variante culta, embora sejam encontrados traços de informalidade, principalmente em momentos de descontração entre os participantes.

Terminada essa descrição tipológica do bate-papo *on-line*, vale dizer que o levantamento dessas variedades de chat é importante para esta pesquisa, pois, embora grande parte dessas variedades seja lingüisticamente informal, nota-se em, pelo menos, duas delas, - entrevista com o convidado e aula chat - uma tendência à formalidade no uso da língua. Entretanto, como lembrou anteriormente, Othero (2002: 28), "Houve um contágio e uma verdadeira padronização implícita em relação à formalização da escrita *on-line* em suas diferentes manifestações", podendo perceber-se assim as mesmas alterações formais em todos os modos de discurso *on-line*, sejam em maior ou menor grau. Assim, mesmo que a entrevista com o convidado ou a aula-chat apresentem um maior cuidado com a elaboração da linguagem, é possível encontrar marcas de oralidade comuns nos outros tipos de chat.

2.2 Os ambientes de bate-papo: comunidades de fala ou comunidades lingüísticas?

As salas de bate-papo da Internet, abrigadas num espaço simbólico ou de outra natureza,⁴ são ambientes de comunicação que permitem a socialização através do agrupamento de pessoas em torno de uma conversação em tempo real e síncrona, cuja maior peculiaridade é a sua

⁴ Esse espaço virtual tem sido denominado de ciberespaço, “o *locus* virtual criado pelas conjunções de diferentes tecnologias de telecomunicação e telemática, em especial, as mediadas por computador” (Guimarães Jr, 1999).

efetivação em uma língua escrita que muito se assemelha à língua das conversações orais. Como diz Marcuschi (2001: 18): "...algumas das propriedades até há pouco atribuídas com exclusividade à fala, tal como a simultaneidade temporal, já são tecnologicamente possíveis na prática da escrita à distância, com o uso do computador". Assim, essa socialização é consolidada por uma forte prática lingüística que reflete os usos da língua no meio social e que também traz inovações a esse respeito.

A questão é saber até que ponto o que se conhece como salas de bate-papo ou ambientes de conversação *on-line* pode partilhar do conceito de comunidade de fala, ou mais propriamente, do conceito de comunidade lingüística. O primeiro conceito foi proposto por William Labov (1972) e outros autores, e o último elaborado como um conceito mais amplo do primeiro. Mais propriamente, comunidade lingüísticas,⁵ porque, no caso da Internet, a língua escrita sobrepõe-se ao uso da língua falada, o que talvez não justifique o uso do termo comunidades de fala, dada a imprecisão terminológica, a não ser que se tome este como um termo de acepção ampla que englobe comunidades que utilizem uma ou outra modalidade da língua: a fala e a escrita.

Embora sob um outro ponto de vista, fala e escrita possam ser vistas como a articulação (*parole*) do sistema lingüístico abstrato postulado por Saussure, ou seja, a língua, neste sentido não caberia nenhuma distinção entre comunidades de fala fundamentadas na oralidade e comunidades de fala fundamentadas na escrita, pois todas seriam comunidades em que a língua

⁵ A Internet tem tornado possível um redimensionamento do sentido de comunidade, ao permitir que o discurso de uma determinada comunidade se organize unicamente em torno da comunicação escrita. Esse mover de fronteiras indica o caráter revolucionário das tecnologias de informação em muitos aspectos, inclusive o lingüístico.

(*langue*) abandona sua abstração e idealização para se realizar individualmente (*parole*) em cada falante, seja em sua forma falada ou escrita.

Mas sob o ponto de vista dos usos da língua, essa distinção tem de ser feita, porque no caso da Internet, são os usos da língua escrita que determinam uma língua peculiar e variada, pois como afirma Marcuschi (2001: 16), "o que determina uma variação lingüística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua. São as formas que se adequam aos usos e não o inverso". Ignorar comunidades que atualmente estratificam sua comunicação unicamente em torno de uma língua escrita variada e heterogênea, ainda mais sem a necessidade de uma verbalização oral, seria deixar de considerar um fenômeno raro ou inexistente, talvez nunca ocorrido antes, a saber, o de grupos que organizam suas atividades e se comunicam unicamente através da escrita. A internet veio tomar isso possível e visível.

Além disso, sob o ponto de vista dos usos, a escrita não pode ser vista como complementar à fala, mesmo que a escrita seja um fato histórico e deva ser tratada como tal "e não como um bem natural" (Marcuschi, 2001: 24), como no caso da fala. Ou seja, Marcuschi (2001: 35) esclarece que a primazia de um modo sobre o outro é um mito ou equívoco que precisa ser desfeito: "postular algum tipo de supremacia ou superioridade das duas modalidades seria uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala é superior à escrita ou vice-versa".

Fala e escrita são duas formas de expressão da língua, meios diferentes de expressar um mesmo código. Daí que, embora num sentido mais geral e saussuriano, a fala represente o sistema abstrato de Saussure (a língua) em sua forma articulada, seja oralmente, seja por escrito, ela é, numa visão mais restrita, segundo Marcuschi, um dos modos de se articular a língua, pois

embora oralidade e escrita sejam práticas da língua com características próprias, elas não são "suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas lingüísticos nem uma dicotomia" (Id. *ibid.*: 17).

Não se trata, portanto, de priorizar uma em tomo de outra, ou de dizer que uma forma tem primazia sobre a outra, mas de que, sob a perspectiva do uso da língua, com suas diferentes manifestações, heterogeneidade e variação lingüística, a fala não tem primazia sobre a escrita ou vice-versa ou, ainda, a escrita não é mero complemento da fala. Antes, ambas as modalidades são complementares entre si, ou seja, possuem uma complementaridade recíproca. As conversações espontâneas da Internet realizadas pelo meio escrito são uma prova disso. Assim, o termo comunidades de fala, adotando-se a perspectiva saussuriana, restringe tudo a fala ou faz crer que a escrita é apenas um complemento da fala, o que é verdade, apenas em parte, caso se esqueça a complementaridade recíproca de ambas. Assim, este trabalho adota uma visão não tão restrita quando procura saber se os grupos de bate-papo de Internet são comunidades de fala ou partilham de um conceito mais amplo como o de comunidade lingüística.

A questão não é fácil de responder, visto que a própria concepção de comunidade de fala ou comunidade lingüística encontra diferentes acepções por parte dos autores. Pelo menos, elas partilham pontos comuns. O conceito proposto por Labov, o de comunidade de fala, é talvez um conceito mais específico por se referir somente a comunidades que têm a fala como referencial de seus usos lingüísticos. Na acepção laboviana, comunidade de fala não deve ser entendida como grupo de pessoas que falam exatamente iguais; antes, tais pessoas compartilham traços lingüísticos que distinguem seu grupo de outros. Em um exemplo clássico de Labov (1972) que ilustra esse conceito, ele afirma que, numa cidade como Nova Iorque, falantes de uma faixa etária mais elevada (idosos) não pertenceriam à mesma comunidade dos mais jovens.

Monteiro (2002) nos remete a alguns autores que também contribuíram para a conceituação de comunidade de fala. Citando Fishman,⁶ ele diz que o realmente válido é que todos os membros da comunidade possuam em comum, ao menos, uma variedade lingüística, bem como as normas de seu uso. A definição de Amusatagi⁷ também segue quase no mesmo caminho: "um grupo cujos membros têm pelo menos em comum uma variedade e compartilham acordos, regras ou normas para o seu emprego correto" (apud Monteiro, 2002: 40). Até esse ponto, não são encontradas divergências significativas, mas, para Monteiro, percebe-se o não alcance das definições em termos práticos, lançando-se a seguinte dúvida:

Pensando no caso da língua portuguesa: se o que conta é um conjunto de atitudes idênticas, até que ponto se pode dizer que todos os falantes do português, sejam do Brasil ou de qualquer outro país, pertencem à mesma comunidade?

Se observarmos bem, constataremos que a divergência entre os lingüistas se torna bastante evidente por causa da indefinição de um critério único. Em razão disso, uma solução proposta é a de distinguir o conceito de *comunidade de fala* do de *comunidade lingüística* (Monteiro, 2002: 40)

Na distinção entre comunidade de fala e comunidade lingüística, o que fica claro, em certas instâncias, é que comunidade lingüística corresponde a um contexto mais amplo de usuários de uma determinada língua, pois Morales⁸ (apud Monteiro, 2003) elabora um exemplo elucidativo, no qual esclarece que Madrid e Caracas são partes da mesma comunidade lingüística, mas não fazem parte da mesma comunidade de fala. Isso ocorre porque elas não possuem as mesmas atitudes lingüísticas com relação a algumas variedades, diferindo, portanto, nas regras de uso. Nesse caso, toma-se mais plausível a resposta à pergunta de Monteiro, pois os falantes do português do Brasil ou de qualquer outro país pertencem à mesma comunidade lingüística, mas

⁶ FISHMAN, J. A. **The sociology or language:** an interdisciplinary social science approach to language in society. Rowley, MA: Newbury House Publ., 1972.

⁷ AMUSATEGI, K. R. **Sociolingüística.** Madrid: Editorial Sintesis, 1990.

⁸ MORALES, Humberto López. **Sociolingüística.** 2^a ed. Madrid: Gredos, 1993.

não à mesma comunidade de fala, pois estão vinculados a comunidades de usos diferentes de uma mesma língua.

Dubois et alli (1997), em seu dicionário lingüístico, também parecem corroborar a idéia de comunidade lingüística como um círculo maior no qual estão circunscritos agrupamentos de pessoas com diferentes usos lingüísticos, ao projetarem a comunidade lingüística como uma série de grupos de uma mesma língua com comportamentos lingüísticos heterogêneos. Esses comportamentos tendem a reproduzir uma língua com variações fonéticas, sintáticas ou lexicais, que assumem formas distintas conforme as diferenças de geração, de origem, de residência, de profissão ou de formação.

Parece claro que os autores tiveram como ponto de partida a teoria da variação lingüística de Labov, porém diferem deste último ao deslocarem o conceito de comunidade de fala, pois aquilo que Labov define como comunidade de fala é apenas parte de uma série de agrupamentos semelhantes dentro de uma circunscrição maior, a comunidade lingüística. Isto é, abrem a possibilidade para que dentro da circunscrição maior estejam situadas não apenas comunidades de falas, mas comunidades que se desenvolvem em torno de várias modalidades discursivas, escritas ou faladas. Afirmam eles: "A comunidade lingüística não é, pois, inteiramente homogênea: subdivide-se em numerosas outras comunidades lingüísticas inferiores" (Dubois et alli, 1997: 133). Acrescentam ainda que qualquer indivíduo pertencente à circunscrição maior pode obviamente estar circunscrito simultaneamente a vários agrupamentos lingüísticos no interior do círculo.

Na realidade, embora não usem a idéia de círculo ou circunscrição, a definição dos autores em foco faz presumir a idéia de que as comunidades lingüísticas são círculos

concêntricos, em que cada comunidade lingüística do círculo maior seria composta de diversas outras comunidades lingüísticas contidas no interior de cada uma, partilhando todas de um mesmo e único centro.

A concepção de comunidades lingüísticas como agrupamentos menores dentro de uma comunidade lingüística maior é oportuna para a definição das salas de bate-papo como comunidades lingüísticas virtuais e será retomada adiante, visto que o conceito de comunidade de fala, dada a sua restrição à comunicação oral, precisaria ser redimensionado para que abrangesse as comunidades virtuais da Internet, que inovadoramente têm disponibilizado ambientes de interação que se organizam quase que unicamente em tomo da língua escrita.

Seguindo em busca de pontos comuns entre as diversas definições de comunidade de fala, Dittmar,⁹ citado por Monteiro (2003), aponta três critérios básicos presentes nessas definições e que serviriam como aspectos distintivos de uma comunidade de fala: a partilha das mesmas regras de uso por um determinado grupo, a competência comunicativa dos falantes do grupo e a identidade social dos membros.

Monteiro afirma que outro autor, Baylon,¹⁰ também traça três aspectos distintos nas definições de comunidade:

A primeira é a de Labov: um grande número de pessoas de diferentes classes sócio-econômicas que vivem num mesmo território, quase sempre uma grande cidade. As duas outras concepções põem em relevo o indivíduo, em vez da classe socioeconômica, e se distinguem pelo fato de escolherem níveis diferentes para o início da análise: uma se detém nas redes sociais, em todas as espécies de laços entre grupos de indivíduos (vizinhança, parentesco, relações de trabalho etc.); a outra concentra sua atenção no próprio indivíduo (Monteiro, 2003: 44).

⁹ DITTMAR, Norbert. **Grundlagen der soziolinguistic** - ein arbeitsbuch mit aufgaben. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1997.

¹⁰ BAYLON, Christian. **Sociolinguistique**. Société, langue et discours. Poitiers: Natahn, 1991.

Um aspecto a ser chamado à atenção é que as regras compartilhadas de usos da língua, um traço contíguo em pelo menos metade das definições sobre comunidade de fala, sobretudo em Labov, não devem de modo algum ser confundidas com uma espécie de acordo marcado entre os falantes:

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas sobretudo pela participação num conjunto de normas partilhadas. Tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamento avaliativo e na uniformidade de padrões abstratos de variação, que são invariantes em relação aos níveis particulares de uso (Labov, 1968: 120-1).

O aspecto das regras partilhadas é um dos pontos fundamentais para determinar qual dos dois conceitos, comunidade de fala ou comunidade lingüística, melhor se adequa à idéia de uma comunidade lingüística virtual. Aliás, sendo também esse um dos critérios básicos de Dittmar (apud Monteiro, 2003) vistos anteriormente para identificar uma comunidade de fala, os dois outros critérios do autor também podem ser utilizados para avaliar essa adequação: a competência comunicativa e a identidade social dos usuários, esse último.

De qualquer modo, observou-se em Dubois et alli (1997) que os conceitos de comunidade de fala e comunidade lingüística - quando esse último serve para designar a série de agrupamentos menores que usam a linguagem verbal dentro da comunidade lingüística maior - são contíguos, semelhantes, coincidentes, ou idênticos, se afirmar assim não for considerado exagero ou uma interpretação particular. Essa aproximação entre os dois conceitos é necessária por causa de um impasse metodológico: conceituar as comunidades lingüísticas da Internet como comunidades de fala. De fato, elas não são. E isso é até óbvio, e por uma razão: o substrato da comunicação em salas de bate-papo é constituído pela língua escrita, mesmo que essa língua escrita tenha enormes semelhanças com a língua falada.

Logo, esses ambientes virtuais não são comunidades de fala, mas podem perfeitamente ser consideradas comunidades lingüísticas posto que partilham um dos aspectos encontrados nas comunidades de fala ou nas comunidades lingüísticas: seus usuários participam de um conjunto de normas partilhadas, possuindo as mesmas atitudes lingüísticas com relação a algumas variedades. Por exemplo, em muitos ambientes das salas de bate-papo, o caráter informal da língua influencia grandemente o uso de itens lexicais abreviados e de inovações lexicais: o item *vc*,¹¹ correspondente abreviado do pronome *você*, é um exemplo profuso das variedades abreviadas do léxico utilizadas pelos usuários dos ambientes de conversação *on-line* em português brasileiro, um uso que já passou ao nível da inconsciência por parte dos internautas, tomando-se quase que automático na maioria dos casos (exemplos como este serão descritos no próximo tópico).

A utilização de itens abreviados tomou-se a regra nesses ambientes, devido à necessidade de se imitar, na escrita, o fluxo veloz da língua falada, fenômeno que será comentado mais adiante em outro tópico. Aliás, a norma compartilhada de utilizar-se de abreviação de itens lexicais pela maioria dos usuários do bate-papo *on-line* e numa proporção nunca encontrada antes em códigos escritos¹² é algo que só seria possível num meio em que a língua escrita fosse empregada obedecendo a uma certa condição: uso em larga escala por pessoas de todas as idades em situações comunicativas reservadas anteriormente apenas à fala, nesse caso, um diálogo ou conversação espontânea; tal fator resulta na imediaticidade ou necessidade de rapidez na conversação e na informalidade no uso do código.

¹¹ Trata-se de uma forma mais econômica para se grafar o *você*, devido ao fator imediaticidade e ao grau de informalidade imperativo nos meios digitais de comunicação, não tendo nenhuma influência no nível fonético da palavra.

¹² A estenografia ou taquigrafia não pode ser usada como exemplo por ser de uso restrito e está vinculada a um grupo de usuários reduzidos e especializados. Além disso, é um código fechado, estático e previsível.

Outro elemento, a competência comunicativa, apontada antes como mais um fator distintivo de uma comunidade de fala, é resultante do conhecimento que o usuário tem, consciente ou inconscientemente, das regras de uso da língua de uma determinada comunidade. Partindo-se do mesmo exemplo anterior, o uso das abreviações em ambientes de sala de bate-papo pressupõe que, do mesmo modo que o usuário da língua tem "o conhecimento ... das regras psicológicas, culturais e sociais que comandam a utilização da fala num quadro social" (conforme idealização de Hymes, 1972), ele o tem também em relação à língua escrita do meio virtual. Esse conhecimento das regras é o que caracteriza a competência comunicativa, que é distinto do conceito de competência lingüística de Chomsky, porque o conceito de Hymes foi elaborado sob uma perspectiva funcional, relacionando a língua ao meio social.

E o último fator distintivo de uma comunidade de fala, a identidade social do usuário, pelo que se pode perceber em Halliday¹³ (apud Monteiro, 2003), relaciona-se diretamente com o senso de pertencimento do usuário a uma determinada comunidade lingüística. Isso é mais fácil de se observar nas comunidades virtuais organizadas em torno dos fóruns ou listas de discussão, de caráter mais duradouro, do que nas conversações espontâneas das salas de bate-papo, de caráter mais casual e efêmero, embora esse aspecto não seja empecilho para que as regras de uso da língua do bate-papo sejam um fato consistente e demonstrado pela competência dos internautas em usar esse código. Tal aspecto toma-se ainda mais relativo quando observa-se que, em certas comunidades da Internet organizadas em torno de um interesse comum a um certo grupo de usuários, as salas de bate-papo são o elo que unem a todos do grupo, proporcionando a

¹³ HALLIDAY, Michael. Language in social perspective. In: COUPLAND, N.; JA WORSKI, Adams (eds.). Sociolinguistics: a reader. New York: St Martin's Press, 1997.

interação, a troca de idéias e a discussão de certos assuntos que consolidam o senso de pertencimento e de identificação com a comunidade.¹⁴

Percebe-se assim que as salas de bate-papo da Internet tomam parte nos aspectos atribuídos às comunidades de fala e às comunidades lingüísticas: existência de regras compartilhadas quanto aos usos da língua, competência dos usuários em relação ao emprego dessas regras e identificação do usuário com seu grupo (em maior ou menor grau, dependendo do ambiente), podendo assim ser identificadas como comunidades lingüísticas onde a utilização da língua pressupõe a heterogeneidade e a diversidade lingüística do substrato social a que pertence.

O traço diferencial é o uso da língua escrita, um aspecto inovador por talvez ser pouco comum ou raro ouvir de agrupamento social de pessoas anterior ao advento da Internet onde a comunicação se consolidasse efetivamente e unicamente através da escrita. Por isso, que o termo mais apropriado às comunidades virtuais (seja as salas de bate-papo, ou seja qualquer outro ambiente de interação eletrônica) é o de comunidade lingüística; ainda mais quando o conceito de comunidade lingüística, especificamente o proposto por Dubois et alli (1997), é uma concepção mais abrangente por permitir conceber que tais agrupamentos (aqueles circunscritos à comunidade lingüística maior) compreendem qualquer grupo de prática discursiva, seja na modalidade falada ou escrita, em que sejam comuns comportamentos lingüísticos diferentes conforme fatores internos ou externos de condicionamento.

¹⁴ Por exemplo, a comunidade do *Couchsurfing* (www.couchsurfing.com), um grupo eletrônico mundial para aventureiros e viajantes com mais de 100.000 membros de todo o globo até a presente data, tem o propósito de reunir pessoas que estejam dispostas a oferecer hospitalidade e hospedagem gratuita aos componentes do grupo. Evidentemente é uma comunidade que precisa consolidar o senso de pertencimento e o reforço dos laços de amizade entre os usuários, pois a regra do grupo faz supor que só se deve promover hospitalidade entre pessoas que já possuem uma confiança mútua entre si, ou no mínimo, para quem tenha uma referência positiva de outros usuários. Neste caso, as salas de bate-papo são umas das ferramentas de interação lingüística do grupo que ajudam a promover um forte senso de compromisso com a comunidade, fortalecendo o nível de pertencimento e de identificação dos usuários com os princípios adotados pelo grupo.

3. O COMPORTAMENTO DA LÍNGUA NAS CONVERSÇÕES *ON-LINE*

Este capítulo contém uma abordagem descritiva do comportamento da língua nas conversações virtuais. Esta abordagem contém evidências que se destinam a mostrar a diversidade lingüística do código escrito das conversações *on-line* e seu grau de informalidade e espontaneidade, bem como evidencia uma escrita com marcas fortes de oralidade, ou caso se permita ir mais longe, uma escrita com características próprias ou peculiares, que mostra que as fronteiras entre fala e escrita não são fixas, dicotômicas ou polarizadas. O *corpus* deste trabalho foi constituído de dados coletados por outros autores que têm pesquisado o fenômeno da linguagem da Internet, ou do próprio autor desta pesquisa, em dados coletados sobre a língua *on-line* desde sua pesquisa de iniciação científica, há cinco anos, até o momento atual. Os dados quando apresentados, são codificados ou identificados através do nome do autor dos dados: Grespan (1998), Medeiros (1999), Othero (2002), Araújo (2003), e Moura¹⁵ (2005).

O propósito deste capítulo é tanto observar a informalidade da língua escrita das conversações *on-line* em suas variedades como a diversidade do código lingüístico em estudo, revelador do grau de criatividade do usuário da língua usada nos meios virtuais, e ainda, servir de ponto de partida para uma observação descritiva de como a Internet permitiu consolidar de vez uma ruptura entre as fronteiras entre a oralidade e a escrita. Os aspectos foram levantados conforme os fenômenos e fatores que se apresentam de modo mais evidentes: abreviações, acomodações ortográficas e fonéticas, coloquialismos e emoticons são um desses aspectos

¹⁵ Autor desta pesquisa.

descritos neste capítulo. Antes uma breve explanação sobre qual a atual perspectiva lingüística nas considerações de dados comparativos entre oralidade e escrita.

3.1 A perspectiva de um *continuum* de variações na língua falada e escrita

Como foi registrado, Lakof (1979) apresenta a informalidade como um de seus critérios para identificar e caracterizar o discurso em análises lingüístico-formais, uma vez que os registros, propósito e formalidade discursiva (cf. Lakof) e tempo de planejamento (cf. Ochs, 1979) são fatores que deveriam ser levados em conta na hora de se avaliar, por exemplo, os aspectos lexicais, morfológicos ou sintáticos, dentre outros, de um *corpus* lingüístico. Marcuschi (2001: 42) vai mais adiante e rejeita idéias como as de planejamento como fator de distinção entre qualquer tipo de modalidade na fala e na escrita:

...também a idéia de planejamento não pode ser tida como uma característica de uma das duas modalidades. Biber (1998) referiu-se a essas impropriedades analíticas como equívocos metodológicos que levaram os autores a posições contrárias a propósito dos mesmos problemas.

Mesmo que mais tarde Marcuschi (2004) venha a admitir que a questão do monitoramento da linguagem (isto é, escrita não-monitorada) seja uma condição especial que explique a fluidez e a imediaticidade das conversações escritas da Internet, o autor prefere uma perspectiva não-dicotômica para a fala e a escrita e elege o *continuum* de variação sobre o qual ambas as modalidades se situam:

O contínuo dos ... [discursos falado e escrito] distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade,

etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos (2001: 42).

Ou seja, o autor elege a variação dentro de um contínuo como aquela possível de explicar as diferenças entre fala e escrita, ou mesmo entre os diferentes discursos de uma mesma modalidade: "Isto equivale a dizer que tanto a fala como a escrita apresentam um *continuum* de variações, ou seja, a fala varia e a escrita varia. Assim a comparação deve tomar como critério básico de análise uma relação fundada no *continuum* dos gêneros textuais para evitar as dicotomias estritas" (2001: 42). Neste caso, só a variação e a heterogeneidade lingüísticas são fatores possíveis de explicar as diferenças de modalidade, ou as distinções entre os vários discursos de uma mesma modalidade dentro de um contínuo de diferenças e alterações. Neste caso, os dados apresentados aqui são vistos sob uma perspectiva de variação e heterogeneidade como fatores que distinguem sensivelmente as peculiaridades da língua escrita das conversações espontâneas da Internet.

3.2 Apresentação dos dados

A imediaticidade pode muito bem ser apresentada como um fator condicionante externo nos usos da língua no bate-papo *on-line* e se explica como o processo de imitação do fluxo veloz da fala na língua escrita, pois o bate-papo virtual é uma conversação em tempo real, tendo de ser ágil e dinâmica: "O internauta, quando conversa com alguém ... em uma 'sala' de 'bate-papo', não pode perder tempo digitando as palavras de forma rigorosamente correta, consultando dicionários, etc." (Grespan, 1998). De modo semelhante, Othero (2002: 23) também reitera:

Uma nova forma de escrita característica dos tempos digitais foi criada. Frases curtas e expressivas, palavras abreviadas ou modificadas para que sejam escritas no menor tempo possível – afinal, é preciso ser rápido na Internet. Como a conversa é em tempo real e pode se dar com mais de um usuário ao mesmo tempo, é preciso escrever rapidamente.

Por essa razão, Medeiros (1999) considera o contexto de produção desse discurso muito peculiar. Ela diz: "Estamos diante de uma interação escrita *on-line*, isto é, uma escrita em 'se fazendo' " (1999: 465). A autora cita a troca de turnos, ou seja, algo característico da conversação espontânea face a face, como evidência dessa escrita "em se fazendo". Daí a origem de uma imediatez (fator imediatividade - ou necessidade de se imitar com a escrita o fluxo veloz da língua falada - reiterando-se mais uma vez) que deu origem a fenômenos peculiares desse tipo de escrita, como será visto adiante. Como se percebe nos exemplos seguintes, é um diálogo escrito, com troca de turnos.

Ex. 1

Bil: Puxa! É tão bom falar com você de novo!

Lilinha: é

Bil: Temos sempre tanto que conversar ... a gente briga um pouquinho mas sempre se reencontra!

Ex. 2

Márcia: fala qq coisa

arco: Eu não. Não fiz outra coisa até agora. Só eu falo.

Arco: Parece que esse negócio de falar muito pega

(risos) Márcia: faz parte. hahaha

arco: hahahahahaha

arco: É porque eu sou bom ouvido. Sempre

fui. Márcia: Eu é que sempre falo mais e não

vc.

(MEDEIROS, 1999).

Os trechos de conversa que mais parecem transcrição de um diálogo gravado, são, na realidade, partes de uma conversa mediada por computador, ou seja, o bate-papo ou chat *on-line*. Como expressa Medeiros (1999: 464):

Apesar de as referências que fazemos a esse discurso serem, todas, próprias da interação oral, essa forma de comunicação é realizada através da escrita. Note-se que usamos as expressões "conversa", "bate-papo", "chats" para designar essas formas de interação que são realizadas através da escrita, isto é, referimo-nos a essa modalidade escrita de discurso, utilizando expressões próprias para a referência oral. E no momento da interação, no momento em que o "bate-papo" está acontecendo, podemos observar ... que os interlocutores interagem utilizando a escrita mas procedem como se estivessem fazendo uso da modalidade oral.

Mais do que um diálogo que se processa em forma escrita, são as inovações na linguagem devido a essa proximidade com a oralidade ou por esse processo de “escrita em se fazendo” que geram as peculiaridades da língua do bate-papo, reforçadas, reiterando-se mais uma vez, pela imediaticidade com que se deve processar as informações por escrito, ou pela imitação do fluxo veloz da língua falada. Esses fatores ou processos geram uma das características mais imediatas da conversação *on-line*, sua tendência à abreviação dos termos lexicais. Seguem alguns trechos de conversações da Internet onde é comum se observar este fenômeno:

Ex.3

Paula: e ai sumidim... comigo ta td blz... e vc? cume q ta?? ow até agora naum sei o q vo faze no carnaval... e vc?? O q vai apronta?? aki... saudades suas viu... v se aparece...bjaum...

Ex.4

Marcos: q coisa + sem graça! Naum adianta d nada msm. Qdo eh q vc aparece lah, heim? Tou c/ saudades. Qto tempu vou ter q aguentar issu?

Ex. 5

Larissa: Mto bunitu d sua part. O q há? Fla a verdade. Tou esperando dd jah. Ñ fika com medu naum tah? D verdade. Pq ñ respondeu meu ultimo e-mail?

Ex. 6

Tony: q coisa + fantástica! d qq maneira, tb naum sei p/ q akele atraso todú...

(MOURA, 2005).

Eis uma lista de alguns dos itens lexicais abreviados com mais frequência: *vc* (você), *q* (que), *pq* (porque), *qd* ou *qdo* (quando), *d* (de), *mt* ou *mto* (muito), *hj* (hoje), *ñ* (não), *flar* (falar), *bber* (beber), *bjo* (beijo) ou *bjus* (beijos), dentre outros.

Outro fenômeno que merece destaque é a supressão do acento gráfico em algumas circunstâncias. Segundo Othero (2002), o acento gráfico é visto como um empecilho a mais na hora da escrita. Esta é a razão de as pessoas, em seu lugar, estarem utilizando a letra h ao lado da vogal para lembrar que ela tem um som aberto. Observe-se os seguintes dados:

Ex. 7.

Apesar de jah ter visto e ouvido todo o estress que ah monta essa página o trabalho ficou muiiito bom!! nao eh a toa que quem faz e dono da melhor empresa do vale dos sinos no desenvolvimento de Homepage!! nao eh puxar o saco pq tb eh a minha empresa!!!

Ex.8

Denise 19: nunca vi um programa ateh o fim

MORSA: comecei mal, neh?

MORSA: falando desse programa

Ex. 9

Vogt: onde tu passaa o recreio!

Vogt: ?

dreamy: sei lah, lah na frente da rádio, por ali

dreamy: e tu?

Vogt: nas arkibancada!

Vogt: perto da radio

dreamy: ah

Ex.10

dreamy: dani, tu vai í na festa do aliança sexta?

DaNiZiNhA - NH: achu ki vo ... tu vai ih?

dreamy: achu q sim tb

DaNiZiNhA - NH: ;))

Ex. II

Topônimo: bah, cara, naum vai dah pra ir la hj ...

Ricky: mas pq naum??

Topônimo: vou ter q ficar em casa fazendo uns trabalhos e talz ...

(OTHERO, 2002)

Assim, palavras como já, até, lá, é, só, se transformam em *jah*, *ateh*, *lah*, *eh*, *soh*. Esse fenômeno acontece com as vogais finais abertas tônicas, acentuadas ou não, como se observa nos dois últimos exemplos, quando o verbo ir passou a *ih* e o verbo dar passou a *dah*. Segundo

esclarecimento de Othero (2002: 26): "Esse fenômeno não acontece com vogais abertas em posição medial ou inicial, átonas ou tônicas. No caso dos verbos no infinitivo terminados em -ar e -ir, a tendência na fala é de não pronunciar a consoante *r* do final". Por isso que escrever *dah* ou *ih* representa a presença intensa da oralidade na escrita das conversações e outras modalidades escritas da Internet.

A imediatividade das conversações deve também responder pela supressão da vogal final "e" de muitas palavras, que embora ocorra menos freqüentemente, não deixa de ser um caso comum de economia na escrita: *verdad* (verdade), *intelligent* (inteligente), *implant* (implante).

Ex.12

Alan: a verdad eh q nao sabia exatamente o q dizer.

(MOURA, 2005).

Entretanto, essa liberdade dos usuários em relação à grafia é bem maior, pois é também comum a alteração ortográfica desses mesmos termos, revelando uma aproximação fonética com a fala: *verdadi* (verdade), *intelligenti* (inteligente), *implanti* (implante), *fali* (fale). Ou ainda: *keru* ou *qru* (quero), *pertu* (perto), *kumer* (comer), *issu* (isso). Isso pode ser observado em alguns dos dados exemplificados anteriormente e pode ser observado nos próximos exemplos:

Ex. 13

Ângela: Qru vc pertu d mim, viu? Naum esquece d mim tah? Ti amu pra sempre!

Ex. 14

Marcio: Fle a verdadi! Fali. Além disso, tou sem tempu, preciso kumer.

(MOURA, 2005)

É muito comum que *fia* ou *fle*, sejam usados em substituição à "fala" e "fale". Ainda no campo do léxico, há as inovações lexicais ou acomodações ortográficas: *aki* (aqui), *akilo* (aquilo) *naum* (não), *atençaum* (atenção) *transformaçaum* (transformação), *meo* (meu), *eh* (é), *estah* (está). Aliás, um fenômeno destacável diz respeito às acomodações ortográficas com palavras que passam a ser grafadas com *k*, vistas nos primeiros exemplos deste parágrafo, ou mesmo em exemplos anteriores, ou como se observa nos trechos de diálogos a seguir:

Ex.15

(12:52: 18) Wilson *grita com* Ana: o q tu ker muieh?

12:56:42) Ana *grita com*: keria saber como colocar os coracoes voando e meio loko essa coisa de digita e colocar as carinha.

(ARAÚJO, 2003)

A letra *c*, também costuma ser substituída pelo fonema [k], quando a palavra grafada com a mesma letra possui tal fonema como em *colocar* (ou sua variante, *kolokar*) ou *loko*. Aliás, Othero (2002) chama a atenção para a monotongação do *o*, ocorrido em exemplos como *loko*. Ele mostra o grau de variação ocorrente nos bate-papos em palavras em que o *c* não é somente substituído pelo *k*, mas também ocorre a monotongação do *o*, ou seja, palavras com *ou* passam a ser grafadas apenas com *o*:

pouco > pouko > poko

louco > louko > loko

Igualmente ao *k*, que é usado para simplificação da escrita, a letra *x* desenvolve papel semelhante, sendo usada diversas vezes para representar palavras com o dígrafo *ch*. Othero (2002) porém chama a atenção ao dizer que essa troca é bem menos utilizada pelos usuários de

bate-papo ou outras modalidades de interação *on-line*, “talvez por representar formas que são tradicionalmente estigmatizadas, que possam antes demonstrar um desconhecimento do uso correto do *ch* do que uma inovação lingüística”.

Porém, há de se ressaltar que, apesar da constatação da menor ocorrência do fenômeno, esta é uma hipótese não comprovada de Othero, podendo haver outros fatores que precisam ser levantados e pesquisados para a menor ocorrência do *x* em lugar do *ch*, até porque em se tratando do bate-papo e suas variantes, este é um tipo de linguagem que prima pela espontaneidade e que é marcada por uma desatenção às regras gramaticais que não tem relação alguma com o conhecimento gramatical ou da norma culta da língua, como será reiterado mais adiante. De qualquer forma, observe-se os exemplos em que há substituição do *ch* pelo *x*:

Ex. 16

André: Axu q não tenho mt certeza. Tava xuvendu demais akele dia... ce lembra?

Érica: Eh sim, Tava xovendo mto.

(MOURA, 2005)

Ex.17

dreamy: foi bem na prova de física?

Seixa: psss ... axu q zerei ... eu peguei os resultados da outra prova e copiei ... eu fiz, mas nunca dava os resultados iguais daí eu colocava os q eu sabia ...

Seixa: bah fui mt mau mesmo.

Mac: pq naum foi ontem no boliche?

dreamy: ... naum tava afim

dreamy: bolixi já enjoou

dreamy: qm foi?

Ex.18

Recado de um *message board* (espécie de fórum):

Aeeeeee! agora isso aqui num vai vira xinagem!

Nos dados exemplificados, a letra *x* tomou o lugar do *ch* nas palavras *acho*, *chovendo*, *boliche* e *chinagem*. Além disso, nesses exemplos foi possível verificar mais uma vez a mudança do *e* final para *i* e do *o* final para *u*. Por exemplo, *xovendu* ao invés de *xovendo* (embora essa última seja uma variação também usada no exemplo 15), *axu* ao invés de *axo* e *bolixi*, no lugar de *bolixe*.

Outro ponto que pertence ao campo das inovações lexicais é a perda do til nas vogais nasalizadas (ditongos nasais), tal como ocorre com a perda do acento gráfico. A perda do til já foi também exemplificado em parágrafo anterior (e também já visto em alguns dados) com as palavras *naum*, *atençaum*, *transformaçaum*. Porém é preciso ressaltar que essa perda do til ocorre de duas formas: a) a substituição do *ao* pelo *aum*; b) a simples ausência do acento nasal. É o que se constata no exemplo seguinte:

Ex. 19

GAB: putz e entaum? acha q a gente deve fazer uma jantinha antes do Joe ir viajar ou naum?

Airwolf: a minha casa ta liberada ate domingo

GAB: blz / a gente podia ir no girassol na quinta / q q tu acha?

Airwolf: nao ... nao vai dar / esquece

GAB: pq?

Airwolf: por q nao ... sei Ia / tem q ver cara / liga pra ele / ele q ta complicando/ nao eu
(OTHERO, 2002).

Preste também atenção às expressões ou termos com efeitos de homofonia: *kbeça* (cabeça), *maluk* (maluca), *d* + (demais) ou *ñ agüento* + (não agüento mais), *estou 100 sorte* (estou sem sorte), *hta* (a gata), dentre outros. Veja-se estes dados:

Ex.20

Spider: oi

dreamy: oiii

Spider: td?

dreamy: ha

dreamy: ops

dreamy: aha

dreamy: e contigo?

Spider: legal... q tens feito?

dreamy: nada d+

dreamy: e tu?

Spider: escola+cursino=tédio

Dreamy: heheheheheeh

Ex. 21

MarI: oieeeeeeeeeeeeeee

dreamy: oiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii

dreamy: nunca + entro

MarI: faz tempo ne

Ex. 22

ZaK: axu q vou indo

ZaK: bjus

ZaK: t+

dreamy: the

dreamy: beijussss

(OTHERO, 2002)

As aproximações fonéticas e inovações lexicais não se relacionam com o fator imediaticidade, mas revelam o grau de espontaneidade, liberdade ou criatividade do usuário com a língua do bate-papo. A espontaneidade é também um dos critérios de Lakof (1979) para pontuar as diferenças de estilo em eventos de fala ou de escrita.

Outro fato que demonstra o grau de espontaneidade e informalidade dessa prática discursiva é o uso de termos ou expressões coloquiais da fala: *pra* (para), *tá* (está), *tou* (estou), *teve* (esteve), *inda* (ainda), *mermo* (mesmo), *perai* (espere aí), *vc num vai?* (*num* em lugar de *não*), além de diversos outros, que revelam o nível de coloquialismo presente nessas conversações, sem contar com o uso de gírias, também freqüente. Alguns dos termos listados neste parágrafo indicam abreviações ou contrações, mas foram emprestadas da fala e implicam alterações fonéticas, o que não ocorre com as primeiras abreviações aqui comentadas.

Ex. 23

Carlos: Eh verdad. pra qdo vc espera o recado? inda hj?

Ex. 24

Lia: pera um pouco! peraí! Num sei mermo o q fazer!!!

Anjo: mas ele teve aki e explicou tudo...

Ex. 25

Lia: Tah. tá certu. eh incrível, mas acho q ele naum vem mesmu.

Vera: indassim eh melhor ter paciência!!!

(MOURA, 2005)

Observe-se como, no exemplo 24, o termo *indassim* possui uma alta influência da oralidade por aglutinar na escrita dois termos, *ainda* e *assim*, do modo como são ditos oralmente em muitas situações. O mesmo tipo de aglutinação ocorrida no exemplo a seguir, com a junção das palavras *meu irmão* (*mermão*), só que de forma bem expressiva:

Ex. 26

Junior: Fla aí merrrrmão!!! Td certo, brother?

(MOURA, 2005)

Neste exemplo, também ocorre a abreviação de *fala* para *fla* e o uso do estrangeirismo *brother* (irmão), muito comum em certos grupos de pessoas mais jovens e usado como saudação típica desses grupos (surfistas, roqueiros, freqüentadores de baladas, dentre outros).

Para certas pessoas, muitos dos casos descritos até agora poderiam significar um certo desconhecimento da língua escrita culta ou certa inabilidade em lidar com aquela norma, como supôs Grespan (1998), embora o mesmo também admita que o ritmo da conversação *on-line* não permite uma atenção às regras gramaticais. Na realidade, em certos aspectos, o domínio desse código escrito requer provavelmente uma habilidade ou competência aproximada ao conhecimento de qualquer código considerado superior, e não pode ser considerado apenas como fruto de uma incompetência gramatical.

Além disso, um levantamento do perfil socioeconômico das pessoas que freqüentam as salas de bate-papo poderia revelar que se trata de pessoas com bom nível de escolarização, em sua maioria, visto que o acesso ao computador ou à Internet ainda encontra-se, no país, limitado às pessoas de classe média ou elevada. Esse fato, por si, pode desautorizar a hipótese de que os freqüentadores de salas de bate-papo e de muitos ambientes da Internet possuem conhecimento deficiente da norma culta, com influência direta dessa deficiência no código escrito do meio virtual.

Mesmo a monitoração fraca com a linguagem não revelaria uma inabilidade com a língua escrita culta, mas se baseia na necessidade de manter o ritmo veloz da conversação eletrônica. Por exemplo, é comum a ausência de acentuação ou iniciar os períodos com letras minúsculas, visto já em muitos dos dados anteriores e que pode ser observado agora destacadamente em relação às iniciais do período:

Ex. 27

- *sorte sua q. vc ainda consegue desconectar...o meu nem conecta....buáááááááááááá'*

Ex. 31

MORSA: to zoando ele direto por causa do cabelo dele, ele tá deixando crescer e tá parecendo uma samambaia

Hehhhe, quando eu tava deixando o meu crescer ele tava parecendo uma tb

O cara tá parecendo o caetano veloso nos tempos dos novos baianos

LADY: HAHHAHAHA ... DEVE SER UMA FIGURA COMO O PRIMO!

(OTHERO, 2002)

No exemplo 29, o usuário usa uma gargalhada cuja seqüência é uma sucessão de duas vogais precedidas da letra *h*. Já no exemplo de Othero, a segunda usuária deu uma gargalhada sonora e ainda terminou a frase falando alto (logo a seguir, será explicado que o uso de mensagens com letras maiúsculas é um recurso usado para chamar a atenção).

Outro recurso de expressividade é o uso de letras maiúsculas para chamar a atenção do interlocutor. O uso de toda uma sentença com letras maiúsculas indica geralmente que o interlocutor está gritando, como pode ser verificado nos dados a seguir:

Ex. 32

(15:18:41) **NokululeOon@h@h** *grita com* TODOS: ATENÇAUUM TANANANS TIVAR MIDIS!!!!!!

(15:19:34) **NokululeOon@h@h** *grita* TODOS: CLIKEM LÁ EM IMA EM “PERMITIR MIDI”

(ARAÚJO, 2003)

Aliás, a expressividade na conversação *on-line* não ocorre apenas em casos de natureza puramente lingüística ou discursiva, mas também com o uso de *emoticons* ou ícones da emoção usados para expressar emotividade, constituído por uma série de sinais gráficos contidos no teclado do computador e que funcionam como uma gama de recursos semióticos ou paralingüísticos que indicam o alto grau de criatividade do internauta. Como afirma Marcuschi

(2003: 32), “ a linguagem do bate-papo é de fato bastante livre e envolve muitos elementos paralingüísticos”. Eis uma seqüência de alguns dos ícones amplamente listados por Grespan (1998):

QUADRO 1. Emoticons

: -) Estou feliz	:-/ Estou perplexo
:-(Triste ou com raiva	:-p Dando língua
: -))) Estou gargalhando	:-D Rindo
<:-) Você fez perguntas bobas	:' -(Chorando
(:-(Estou muito triste	X-) Com vergonha ou tímido
:-') resfriado	:-0 Estou impressionado

Grespan (1998) também elaborou um quadro com alguns dos termos e símbolos mais usados na conversação *on-line*, conforme se observa a seguir:

<i>4U</i> = for you = para você	<i>Falow</i> = adeus, até mais!
<i>AKI</i> ou <i>aki</i> = aqui	<i>hahahaha</i> = tipo de risada
<i>A W A Y</i> = estar away significa estar <i>on line</i> , mas longe do microcomputador	<i>DCC-Foto</i> = pede para a pessoa enviar uma foto pelo comando DCC
<i>B4</i> (before) = antes	<i>hehehehe</i> = tipo de risada
<i>Beijão</i> = beijam	<i>HUM F</i> = demonstra desagrado
<i>BLZ</i> ou <i>blz</i> ou <i>Blz</i> = beleza	<i>Ixi, putz,</i> = exclamações
<i>BUÁÁÁÁ</i> = choro	<i>Lammer</i> = pessoa idiota
<i>CHUIF</i> = choro	<i>Naum=não</i>
<i>SNIFF</i> ou <i>sniff!!</i> = choro	<i>Nomidade</i> = nome e idade
<i>CD, cd, kd, KD</i> = cadê	<i>Otoh</i> (On the other hand) = por outro lado
<i>Chatear</i> = conversar com alguém no CHAT	<i>PVT-me</i> (Private me) = chamar alguém para a sala.
<i>Cool</i> = legal (o mesmo que rulez)	<i>Smacksksssss</i> = representa beijo

No quadro, observa-se muitos dos termos ou expressões listados neste tópico e também novos termos que podem ser encaixados nas categorias que já citamos: abreviações, inovações lexicais, coloquialismos, gírias. Mas um dado inteiramente novo são os itens vindos diretamente do inglês, incluindo desde termos com efeitos de homofonia, como 4U (*for you* ou para você) ou B4 (*before* ou antes) a neologismos como *chatear* (conversar), palavra formada por derivação do termo *chat* (conversa ou bate-papo, em inglês). Aliás, neologismos como esses só são encontrados na língua escrita do chat, não tendo passado ao nível da fala. Ainda há espaço para os empréstimos como *cool* (legal), *lammer* (estúpido) ou *away* (distante). Ou ainda palavras como *scrap* (recado), que está totalmente integrado ao vocabulário de muitos internautas e palavra muito comum em usuários do *Orkut*¹⁶:

Ex. 33

Rosane: Juniorr!! obrigada de coração! adorei seu scrap! e ainda por cima por ser adiantado!

valez msm! Beijao

(MOURA, 2005)

Othero (2002) também destaca outros neologismos como atachar (derivado do verbo inglês *to attach*, que significa anexar), ciberespaço (aportuguesamento de *cyberspace* e usado como sinônimo de espaço virtual na Internet), deletar (apagar, derivado do verbo *to delet*), escanear (verbo derivado da palavra inglesa *scan* e que significa em português copiar uma foto no computador através do *scanner*, aparelho adequado a esse processo), zipar (significa "compactar um arquivo" e o verbo deriva de um dos mais famosos compactadores de arquivos presente no mundo virtual, o *Winzip*), postar (do verbo *to post*, enviar uma mensagem).

¹⁶ Rede mundial eletrônica de relacionamentos sociais que agrega milhões de brasileiros na Internet.

Para Othero, os estrangeirismos só vêm enriquecer uma língua. Embora até o advento da Internet, apenas 0,94% do léxico português tinha influência do inglês, "a língua inglesa parece que resolveu entrar com tudo na virada do século, principalmente através deste eficiente veículo de comunicação que é a Internet" (Othero, 2002: 61). Além disso, o estudo de Galli (2003) revela que o uso de termos ou expressões de língua inglesa em interações da Internet não deixa de causar estranhamento ou dificuldade de compreensão a alguns. Entretanto, a autora diz que a maioria dos informantes de seu estudo "já está habituada, define as palavras de alguma forma e não deixa de entender as mensagens por conta delas" (Galli, 2003: 132).

Assim, percebe-se como a escrita do bate-papo é um código mais complexo do que se pensa, no sentido de que contraria muitas afirmações que a consideram ingenuamente como uma língua escrita simplificada, fato que também Grespan (1998) contesta. Não que seja sempre verdade que o internauta, a cada vez que acessa o bate-papo, tenha de adequar obrigatoriamente sua língua a todos esses códigos. Nada mais impróprio, porque a comunicação do bate-papo é livre e prima pela espontaneidade. Todos esses códigos são frutos da criatividade do usuário das salas eletrônicas de conversação e se revelam como um processo sempre dinâmico e em construção, sempre criando novos termos, neologismos e adequações do código formal à informalidade do meio. Isso expõe uma língua que, ao contrário dos códigos escritos mais formais, não é estática e possui a natureza dinâmica da fala e que muda também na proporção que se fomenta novos usos da língua pelos usuários de bate-papo.

Grespan (1998) ainda afirma que a despreocupação com as regras gramaticais e a informalidade fazem das mensagens que os internautas trocam entre si uma simulação quase perfeita da língua falada. Quanto ao aspecto das regras gramaticais, o que se pode dizer, na realidade, é que a língua nesse meio possui uma gramática própria, movida por outros fatores que

não são os mesmos que regem um contrato escrito, por exemplo. Por isso não cabe dizer que as pessoas desses ambientes são desatentas às regras gramaticais, ou, caso sejam, é pelo propósito discursivo do bate-papo: processar-se como interação espontânea e informal em que o código rígido e estático das situações formais torna-se dispensável e desnecessário.

3.3 O bate-papo sob uma perspectiva de variação

Como foi ressaltado antes, o internauta não é obrigado a adequar sua linguagem às inovações lingüísticas do bate-papo *on-line* como se fosse um código rígido e estático. Há um nível de variação tão grande nos usos, sobretudo lexicais, que é possível ir da forma padrão aos registros mais informais da língua. Assim, um indivíduo num mesmo turno de conversação *on-line* ou mesmo em todo o processo de conversação pode usar de uma palavra em sua forma padrão até a sua forma menos convencional. Por exemplo, Othero (2002) exemplifica bem essa questão ao expor alguns exemplos que ajudam a visualizar bem essa questão. Observe-se o uso de certos itens lexicais, que variam de sua forma padrão a sua forma menos padronizadas (quanto mais à esquerda, menos padronizada é a forma):

- a) então > entao > entaum
- b) mãos > maos > mauns
- c) óculos > óculos > okulos
- d) até > ate > ateh
- e) dar > dah
- f) querido > kerido > queridu > keridu
- g) qualquer > qualqueh > kualker > kualkeh

- h) boliche > bolichi > bolixi
- i) espere aí > espere aih > peraí > peraih > péra > pera
- j) pouco > pouko > pokó
- k) até mais > ateh mais > teh mais > ateh + > teh + > t +

Ou seja, as possibilidades de variação das palavras são infinitas, não obedecendo elas a um código restrito, fixo ou limitado, dependendo muito de fatores como a criatividade do usuário, condições de produção do diálogo, estado momentâneo do interlocutor, entre tantos outros. Ou seja, nesse caso, a recursividade (fenômeno que permite ao falante usar a língua criativamente e produzir um número potencialmente ilimitado de sentenças), nunca esteve tão em voga na Internet, embora não sob uma perspectiva exclusivamente sintática, mas sobretudo na geração de uma variação lexical surpreendente. Neste caso, a língua das conversações *on-line* e gêneros semelhantes do meio virtual forma um código rico, complexo e mesmo imprevisível.

Notável neste caso é que, mesmo os gêneros virtuais tidos como mais bem elaborados, isto é, textos que podem ser pensados, lidos, escritos, monitorados e refeitos antes de serem postados, ou seja, gêneros em que a conversa não acontece em tempo real como nas conversações *on-line*, é possível notar o uso deste código escrito variado. Se a conversa não é em tempo real e se não há uma necessidade de ser rápido que gere abreviações, acomodações ortográficas ou economia na escrita, o que fazem as pessoas em fóruns como o do Orkut ou em e-mail lançarem mãos dessa variação lexical? O que leva as pessoas a usarem os mesmos recursos de expressividade? Observe-se alguns exemplos da informalidade de código escrito retirados de alguns trechos de mensagens postadas no Orkut:

Ex. 34

Adriano: tbm to bem e tbm sem tempo com a universidade!!! mais é isso ai!!!

Ex. 35

♂ Zeh: filhote!

to bem demais e vC?

poizeh carnaval bao demais

beber todas..

mas vo ficar por aki mesmo

numa cidadezinha q vai bombar!

e vC?

Ex. 36

Diego: E ai brother, trankss? Arrumei minha net, graças a Deus... To tendo que estudar sim... hoje tenho aula as 19hrs no hospital, ninguem merece... abração... ate mais...que segunda opção de carnaval é essa? hehe... ita vai ta bom sim... abração

Ex. 37

Paula: e ai sumidim... comigo ta td blz... e vc?? cume q tá??

ow até agora naum sei o q vo faze no carnaval... e vc?? o q vai apronta??

aki... saudades suas viu... v se aparece...bjaum...

Note-se a criatividade e recursividade de um usuário do Orkut ao criar um novo termo, adaptando do inglês uma palavra (*forever*, para sempre) ao português por um processo de derivação sufixal: *forever* > *forevermente*:

Ex. 38

gustavo lacerda: hahahaha...

tive q deleta-lo tava me matando de vergonha **forevermente**. Ahahahhaha... ah nem viu???

carnaval vai ta otimo.... 100%

e o seu???

Ow.... varias noticias virão.....

saudades demais...

me dexa a parte de tudo o q acontece por ai

(MOURA, 2005)

Explicando a questão de que outras formas de discurso virtuais, além do bate-papo, estão sendo contagiados por essa variação na forma de escrever, Othero (2002:28) reitera que ocorreu “um contágio e uma verdadeira padronização implícita em relação à formalização da escrita on-line em suas diferentes manifestações”.

Sob uma perspectiva de variação, a forma de se escrever na Internet não admite uma dicotomia entre fala e escrita. É exatamente essa influência da oralidade na escrita, ou a admissão de fatores condicionantes que permitem a criação de um código que foge aos padrões convencionais que permite toda essa recursividade do usuário e toda essa variação lexical, além do uso de recursos de expressividades ou até mesmo a ausência de pontuação em muitos dos dados aqui exemplificados. Mesmo no nível sintático, a proximidade dessa oralidade com a escrita, principalmente no bate-papo *on-line*, cria-se uma nova forma de escrever ao se considerar

que grande parte dos enunciados produzidos é formada por sentenças curtas e por vezes fragmentadas.

Mas não se deve confundir fala e escrita como dois dialetos, portanto, a escrita das conversações *on-line* não constitui um dialeto na medida em que apresenta variações na sua forma de escrever, mas representa apenas uma modalidade da língua, assim como a fala é também uma modalidade da língua. O que muda são apenas os meios em que se articula a língua, de maneira que o falante ao dominar ambos os tipos de modalidade em suas diversas formas se torna bimodal e não um falante de dois dialetos, mesma palavra usada por Marcuschi (2001) ao ressaltar que um aluno ao ter domínio da fala e da escrita se torna bimodal. Logo, o saber utilizar-se do código escrito da Internet mostra o domínio do usuário em uma das formas de se expressar a língua escrita, mas que não é necessariamente um novo dialeto. Além disso, reiterando mais uma vez, a espontaneidade com que se processa esse referido código deixa o usuário tão livre e à vontade que é possível decidir que forma de um determinado léxico ou expressão ele vai usar, desde um que obedeça à forma padrão a um totalmente informal ou não-padronizado. Ou seja, o usuário adequa o uso do código à sua comodidade ou conveniência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação à Internet, nada é mais visível e revolucionário do que o seu poder agregador. Em um tom mais exato: essa capacidade de agregar pessoas para a intercomunicação pessoal e fundar inovações lingüísticas neste processo. Isto porque o valor da Internet, culturalmente e socialmente falando, não pode ser reduzido aos valores das inovações tecnológicas, como retifica Manuel Castells (2003). Desde o seu início ou fundação, a Internet, através de seus primeiros usuários, quando não passava, inicialmente, de um projeto para interligar computadores de universidades americanas ou usada para fins militares, já instituíra esse poder agregador porque foram esses primeiros usuários que criaram as primeiras comunidades virtuais sob a égide da tecnologia.

O surgimento da Internet para um público mais amplo, ou seja, a globalização da própria rede, ampliou enormemente o número de comunidades virtuais mundo afora, algo em torno de um número quase infinito. Essas comunidades fundamentam-se em dois aspectos fundamentais, segundo Castels (2003: 48): a valorização da comunicação livre e horizontal e a formação autônoma de redes.

Quanto ao primeiro aspecto, a valorização da comunicação livre e horizontal, sintetiza uma prática de livre expressão global “numa era dominada por conglomerados de mídia e burocracias governamentais censoras”. John Gilmore (apud Castels) sintetizou bem essa última questão ao dizer que a grande rede interpreta a censura como dano e encontra rotas para contorná-la. Daí que surge a pergunta: seria essa sua aversão à censura uma das causas do

surgimento de um código escrito espontâneo e livre de qualquer camisa de força ou norma lingüística padrão?

O segundo aspecto, a formação autônoma de redes, diz respeito à “possibilidade dada a qualquer pessoa de encontrar sua própria destinação na Net, e, não a encontrando, de criar e divulgar sua própria informação, induzindo assim a formação de uma rede” (Castels, 2003: 49). Isso, de uma forma geral, é símbolo de uma liberdade de criação e geração de redes de comunicação que muito diz acerca do estatuto que a comunicação e o conseqüente uso da língua implementaram dentro da rede mundial de computadores. A internet assenta bases para a formação autônoma de redes como um instrumento de organização, ação coletiva e construção de significado. Essas redes de comunicação, livres e horizontais, caracterizam grandemente aquilo que este trabalho tem chamado de comunidades lingüísticas.

Como dito antes e pela perspectiva adotada por esta pesquisa, são comunidades lingüísticas que criaram um novo meio de expressão, com inovações para a língua, sendo uma destas a que diz respeito ao rompimento das tradicionais fronteiras entre oralidade e escrita. Neste ponto, Marcuschi (2001) questiona a tradicional dicotomia entre fala e escrita por afirmar que alguns das propriedades há não muito tempo atribuídas exclusivamente à fala, como a simultaneidade temporal, tornaram-se tecnologicamente possíveis na prática da escrita à distância como o uso do computador. Ele complementa mais tarde:

Por outro lado, um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita. Assim, nessa era eletrônica não se pode mais postular como propriedade típica da escrita a relação assíncrona, caracterizada pela defasagem temporal entre produção e recepção, pois os bate-papos virtuais são síncronos, ou seja, realizados em tempo real e essencialmente escritos (2004: 18).

Diz o mesmo autor: “este ‘escrever’ tem até uma designação própria: ‘teclar’ tal é a consciência da ‘novidade’ ” (2001: 18). Ou seja, nas interações da Internet, costuma-se dizer que alguém vai teclar, quando esta atividade se refere ao uso do código escrito nas conversações espontâneas do meio virtual. Ou seja, é exatamente esse “teclar” (o uso de uma escrita não manuscrita, mas por meio das teclas do computador) que veio aos usuários da língua uma nova relação com a escrita. De qualquer forma, este cruzamento entre oralidade e escrita faz com que gêneros como o bate-papo sejam considerados um gênero misto, ou exatamente como diz Marcuschi (2004) mais tarde, um gênero híbrido, pelo intercruzamento da tecnologia com a interação humana ou por essa comunicação ocorrer numa interface tecnológica.

Essa aglomeração de som, imagem, escrita e outros recursos semiotecnológicos dão ao bate-papo e outras interações virtuais atribuições que lhes são exclusivas, tanto que Crystal (2001) vai em defesa de que modalidades como a conversação eletrônica não constituem exatamente uma escrita (pelo menos dentro das delimitações tradicionais pelas quais a escrita até então havia sido conhecida) e nem exatamente uma fala. Sua reflexão acerca dessas modalidades lingüísticas realça o aspecto híbrido deste tipo de linguagem. O autor até diminui o impacto da Internet como revolução tecnológica, ao dizer que a mesma se destaca mais como revolução dos modos sociais de interagir lingüísticamente.

Por sua vez, Othero (2002) trabalha com questões relevantes, referentes ao uso espontâneo e informal do código escrito das interações on-line, em sua diversidade e heterogeneidade lingüística. Ele levanta e discute quatro pontos:

- A Internet empobrece ou amplia o poder expressivo da língua?
- A língua portuguesa está perdendo a sua identidade?

- Essas novas formas podem vir a acelerar o ritmo tradicionalmente lento da evolução da língua?
- O discurso *on-line* pode influenciar em textos escritos em outros meios, em que se espera a norma culta da língua?

Já se afirmou antes que, se o discurso *on-line* apresenta-se heterogêneo e propício a um tipo de variação co-ocorrente, em que variantes de uma mesma forma co-existem num mesmo discurso, é pelo propósito do bate-papo, realizar-se como interação livre, espontânea e informal em que o código rígido e estático das situações formais tornou-se dispensável e desnecessário. Mas, por outro lado, é bom ressaltar que não existe sequer a obrigação de ser informal no bate-papo, pois embora isso não tenha sido afirmado explicitamente antes, é possível encontrar situações em que a língua apresenta-se sob uma forma muito convencional. Ou seja, é exatamente esse ponto que este trabalho tem pontuado todo seu desenvolvimento, a espontaneidade das conversações *on-line* significa exatamente a liberdade do usuário da língua em usá-la com um grau de variação que vai do formal ao mais informal possível. Ou seja, a língua é usada de forma a adaptar-se para melhor servir ao seu usuário, e não exatamente o que a dita norma-padrão tem exigido, que o usuário se adapte à mesma.

Isto quer dizer que, se ela é usada de modo formal, ou se ela é usada com abreviações, acomodações ortográficas, gírias, formas coloquiais e recursos de expressividade, é exatamente para adequar-se à necessidade do usuário. E como reitera Othero (2002: 86), tudo isso ocorre com um objetivo: “propiciar ao usuário da língua total liberdade para expressar suas idéias, sentimentos e emoções”.

Também, se a língua portuguesa está se modificando na Internet, é porque há uma necessidade de haver essa modificação, portanto, é inadmissível a idéia corrente de que a língua naquele meio esteja perdendo sua identidade, esteja se descaracterizando ou se empobrecendo. Além disso, como ressalta Othero, ao responder aos seus questionamentos: “... todas as línguas são mutáveis, é de sua natureza sofrer alterações ao longo do tempo” (2002: 86). Desta forma ele completa: “Consciente deste caráter mutável das línguas, não há uma maneira de se afirmar que um idioma está se ‘descaracterizando’; está apenas seguindo o curso natural das coisas, ou seja, modificando-se, alterando sua forma... para se adaptar a seus usuários e melhor servi-los” (2002: 86). Daí que se a língua está se modificando por um propósito de atender às necessidades de seus usuários, e se este usa de sua criatividade e da recursividade para criar um código rico e complexo, a língua, na realidade, está se enriquecendo, por meio dessas formas e usos inovadores. Logo, o poder de expressividade na língua escrita foi ampliado.

Quanto a questão que procura saber se essas novas formas podem vir a acelerar o ritmo tradicionalmente lento de evolução da língua e se elas podem influenciar a escrita em outros meios, Othero (2002: 87), assim responde: “a verdade é que ainda é muito cedo para se comprovar as influências da linguagem na Internet em outros meios, e seria por demais precipitado afirmar algo sobre a relação entre a revolução da língua dos internautas e a evolução dita oficial da língua portuguesa”. Além do mais, se um internauta gasta parte de seu tempo em interações da Internet usando um código inovador, Othero acredita que é pouco provável que esse código não deixe de ter influência também em outros meios: “Mesmo em discursos mais monitorados (como as redações para um concurso de Vestibular), será possível averiguar esse fato” (2002: 88).

De qualquer forma, essa questão do supracitado autor tem mais a ver com as questões de letramento, que não é uma preocupação central deste trabalho. O que se pode ressaltar é que é possível desenvolver diferentes domínios da língua escrita ou falada, e usá-los adequadamente conforme o contexto ou a demanda exigida. Se às vezes ocorre influência da oralidade em uma prova de redação em que uma linguagem formal é exigida, por exemplo, talvez este seja um problema mais educacional do que lingüístico. Se um aluno não aprende os diferentes usos da língua conforme cada situação específica, então as instituições responsáveis em ensinar as diversas modalidades de letramento têm falhado em seu papel.

Por último, é claro o viés variacionista que a língua do bate-papo *on-line* tem se revestido. Primeiro, porque representa a diversidade e a heterogeneidade características da língua. Depois, mostra a língua em mudança e variação e mais do que isso, há de se destacar um aspecto relevante: a co-existência de variantes de uma forma lexical, por exemplo, numa mesma atividade discursiva. É possível usar *mesmo*, *mesmu* ou *mermu* sem que o uso co-existente destas três formas implique no conceito de “formas privilegiadas” ou “formas de prestígio”. Isso apenas ocorre se for usado o parâmetro de julgamento da norma culta, o que é inexistente na linguagem das conversações *on-line*.

Apesar de este trabalho ter apenas destacado prioritariamente formas lexicais em sua maior parte, a verdade é que esta variação da Internet não ocorre apenas no nível lexical. As inovações podem ser destacadas em todas as direções: semânticas, morfológicas, sintáticas, dentre outras. Na língua em estudo, novas formas lexicais, semânticas, morfológicas e sintáticas estarão surgindo. A questão é, resalta Othero (2002: 89), saber se essas formas serão duradouras “ou se entrarão em desuso e ficarão desatualizadas tão rapidamente como os próprios computadores ficam”. De qualquer forma, os dados levantados por esta pesquisa, que seguem de

1998 a 2005, revelam que as inovações lingüísticas na Internet permanecem em uso e crescem à medida que se amplia o número de usuários de computadores ano a ano, tanto no Brasil quanto no mundo. Aliás, essas inovações não são características peculiares apenas da língua portuguesa, mas de todas as línguas em que as interações *on-line* acontecem.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Júlio Cesar de. A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: XAVIER & MARCUSCHI (Orgs). **Hipertexto e gênero digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BEAMAN, Karen. Coordination and subordination revisited: complexity in spoken and written narrative discourse. In: TANNEN, Deborah (org). **Coherence in spoken and written discourse**. 3rd printing, Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1993.

CASTELS, Manuel. A cultura da Internet. In: **A galáxia da Internet**. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CHAFE, Wallace. **Integration and involvement in spoken and written language**. Artigo apresentado no 2º Congresso da Associação Internacional de Estudos Semióticos, Viena, 1979.

CRYSTAL, David. The role of the Internet. In: **The language revolution**. Cambridge, UK: Polity Press, 2004.

DUBOIS, Jean et alli. **Dicionário de lingüística**. 15ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

GALLI, Fernanda C. S. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: XAVIER & MARCUSCHI (Orgs). **Hipertexto e gênero digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

GRESPLAN, Gilmar. **O uso da língua portuguesa escrita em tempo real na Internet**. Trabalho de especialização, Faculdades Integradas Urubupungá, Pereira Barreto, SP, 1998.

GUIMARÃES JR., Mário J. L. **O ciberespaço como cenário para as ciências sociais.** Disponível em: <http://www.chf.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.htm.> *On-line*. Acesso em novembro de 2000.

HALLIDAY, Michael A. K. Differences between spoken and written language: some implications for literacy teaching. In: PAGE, Glenda; ELKINS, John; O'CONNOR, Barrie (Orgs). **Communication through reading: proceedings of the 4th Australian Reading Association.** Adelaide: Australian Reading Association, 1979 (Vol 2).

HUNT, Kellog W. How little sentences grow into big ones. In: LESTER, Mark (Org). **Readings in applied transformational grammar.** New York: Holt, Rineheart and Winston, 1970.

HUNT, Kellog W. Recent measures in syntactic development. In: LESTER, Mark (Org). **Readings in applied transformational grammar.** New York: Holt, Rineheart and Winston, 1970.

HYMES, Dell. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, H. **Sociolinguistics: selected readings.** London: Penguin Books, 1972.

KROLL, Barbara. Combining ideas in written and spoken English: a look at subordination and coordination. In: KEENAN, Elinor; BENNET, Tina (Orgs). **Discourse across time and space, Southern California Occasional Papers In Linguistics, No 5,** Los Angeles, CA, University of Southern California, 1977.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. The reflection of social processes in linguistic structures. In: FISHMAN, Joshua (ed.). **Readings in the sociology of language.** The Hague: Mouton, 1968.

LIMA, Renira Lisboa de Moura. **O ensino da redação. Maturidade sintática.** Curitiba: HD Livros Editora, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: XAVIER & MARCUSCHI (Orgs). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**. Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MENDONÇA, Márcia R. de Souza. A linguagem na mídia. Bate-papo na Internet: fala ou escrita? In: MOURA, Maria Denilda (Org). **Os múltiplos usos da língua**. Maceió: EdufaI, 1999.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OCHS, Elinor. Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, Talmy. **Discourse and syntax**. New York: Academic Press, 1979.

O'DONNELL, Roy C. Syntactic difference between speech and writing. In: **American speech**, s/a, s/I, 1974.

POOLE, Millicent; FIELD, T. W. A comparison of oral and written code elaboration. In: **Language and speech**, s/a, s/I, 1976.

OTHERO, Gabriel de Ávila. **A língua portuguesa nas salas de bate-papo: uma visão lingüística do nosso idioma na era digital**. Novo Hamburgo, RS: edição do autor, 2002.

WALLACE, Patricia. **The psychology of the Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.